



Adin Steinsaltz

TALMUD ESSENCIAL



Adin Steinsaltz (Even-Israel)

TALMUD ESSENCIAL

Título original em inglês: *THE ESSENCIAL TALMUD*

Copyright © 1976, 2006 by Adin Steinsaltz

Direitos exclusivos de edição desta obra em língua portuguesa cedidos à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

Telefone: 11 3826-1366 – sefer@sefer.com.br

www.sefer.com.br

Tradução: **Elias Davidovich (1989) e Paulo Geiger (2019)**

Edição Final: **Jairo Fridlin**

Editoração Eletrônica: **LCT**

Mapas: **Thais Przewozinski** - *para o livro Iniciação ao Talmud, de Auro del Giglio (2000)*

Capa: **Dagui Design**

Imagem da capa: “Moisés e a sarça ardente” – Museu Marc Chagall, França (Ivan Vdovin / Alamy Stock Photo)

Agradecimento: **Rabino Menachem (“Meni”) Even-Israel**

Hanoch (“Enrique”) Dreisis

A. Kogan Editor e ao editor **Paulo Geiger**, pela gentil cessão da tradução realizada em 1989.

Nota: Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se “ch” para o som de RR, como caRRo, e “sh” para o som de CH, como em CHave.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer.

2019

ISBN 978-85-7931-082-9

Printed in Brazil

Sobre o autor

O rabino Adin Steinsaltz (Even-Israel) é professor, filósofo, crítico social e autor prolífico, considerado pela revista *Time* como “o erudito do milênio”. Seu trabalho de uma vida inteira dedicado à educação judaica valeu-lhe o Prêmio Israel, a mais elevada e prestigiosa honraria do Estado de Israel, em 1988.



Nascido em Jerusalém em 1937 de pais seculares, o rabino Steinsaltz estudou matemática, física e química na Universidade Hebraica de Jerusalém – simultaneamente aos estudos judaicos dirigidos ao rabinato. Após se formar, estabeleceu várias escolas experimentais, e aos 24 anos de idade tornou-se o mais jovem diretor de escola em Israel.

Em 1965, começou a fazer a monumental tradução do Talmud para o inglês cuja complementação foi comemorada em 2010 com a inauguração do Dia Global de Estudo Judaico, que se tornou um evento internacional anual em mais de 40 países.

Ao todo, o rabino Steinsaltz é autor de mais de 60 livros e de centenas de artigos sobre temas que vão de zoologia e teologia até comentário social. Sua obra clássica sobre a Cabala – *A rosa de treze pétalas* – foi publicada pela primeira vez em 1980, e até agora foi publicada em oito idiomas. Conhecido como um pensador original e de mente aberta, ele tem proferido palestras e dado aulas em – literalmente – centenas de comunidades por todo o mundo.

Em seu trabalho como professor e mentor espiritual, o rabino Steinsaltz estabeleceu uma rede de escolas e instituições educacionais em Israel e na ex-União Soviética. Serviu como acadêmico em residência no Centro Woodrow Wilson para Estudos Internacionais, em Washington D.C., e no Instituto de Estudos Avançados da Universidade Princeton. Suas graduações honorárias incluem doutorados pela Yeshiva University (NY), Universidade Ben Gurion do Neguev, Universidade Bar Ilan, Universidade Brandeis e Universidade Internacional da Flórida.

Esta edição ampliada do *Talmud Essencial*, lançada em 2016, celebrou os 40 anos do lançamento da primeira edição desta obra, considerada um “clássico” do judaísmo contemporâneo.

O rabino Steinsaltz vive em Jerusalém com sua família.

Sumário

Prefácio — 11

Apresentação — 12

PRIMEIRA PARTE HISTÓRIA

1. O que é o Talmud? — 22

Questionar e reexaminar — 23

Controvérsias — 25

Processo de renovação — 26

2. A vida no período talmúdico — 29

O contexto político — 29

Administração interna — 33

Cultura e língua — 38

A economia — 41

Educação e estudo — 43

A sinagoga — 45

Academia da Torá — 47

Os tribunais rabínicos — 50

Os sábios e seus discípulos — 52

3. A Lei Oral – As Primeiras Gerações — 56

A Grande Assembleia — 59

4. A Lei Oral – A Era dos Zugót (Pares) — 63

Saduceus e fariseus — 65

5. Os Tanaím — 68

lochanan ben Zacai — 70

Rabi Akiva — 72

Judá *Hanassi* — 74

6. A Compilação da *Mishná* — 76

Classificação — 79

Gerações dos Zugot, Tanaím e Amoraím — 82

7. Os Amoraím na Babilônia — 84

Rav e Samuel — 86

Abaiê e Rava — 88

Rav Ashi e Ravina — 89

8. Os Amoraím na Terra de Israel — 91

Rabi lochanan — 92

Resh Lakish — 94

Perseguição — 96

9. A Redação do Talmud Babilônio — 98

Formato básico — 99

Descrição de uma sessão — 100

Registro de discussões — 103

10. Exegese do Talmud — 105

Interpretação — 106

Rashi — 108

As tossafot — 110

Rabênu Tam — 111

Maharshal e Maharshá — 112

11. A Impressão do Talmud — 114

Daniel Bomberg — 115

Slavuta e Vilna — 117

12. A Perseguição e a Censura do Talmud — 121

Censura — 123

SEGUNDA PARTE

ESTRUTURA E CONTEÚDO

13. A Estrutura do Talmud — 128

14. O Visual de uma Página do Talmud — 133

15. Os Temas do Talmud — 155

Restrições e limitações — 157

16. Preces e Bênçãos — 160

Shemá Israel — 162

Emissário público — 164

17. O *Shabat* — 166

Intenção — 168

Deleite — 170

18. Festas e Dias Santificados — 173

Segundo dia de festa na Diáspora — 173

Rosh Hashaná — 176

Sucót — 177

Pêssach — 179

Iom Kipur — 180

Purim e *Chanucá* — 182

19. Casamento e Divórcio — 185

Contrato matrimonial — 186

Divórcio — 189

20. O Status das Mulheres — 192

Isonomia e não proibição — 194

Família — 197

21. Lei Civil — 199

Categorias de danos — 200

Responsabilidade — 202

Chazacá — 204

Falta de intenção não é defesa — 205

Fiéis depositários — 206

Furto e roubo — 208

Propriedade — 209

Legislação trabalhista — 211

Contratos — 212

Leis de herança — 214

22. Lei Criminal — 216

Categorias judiciais — 217

Pequeno Sinédrio — 218

Leis de evidência — 219

Dolo premeditado — 220

Procedimentos de julgamento — 222

Penalidades — 224

Pena capital — 225

23. Sacrifícios — 227

Ato de dar — 227

Substituição — 228

Aproximação — 228

Critérios — 229

Representação — 231

Arquitetura — 232

Sumo sacerdote — 234

24. Leis Dietéticas — 236

Alimentos animais — 237

Carne e leite — 240

Teoria da probabilidade — 242

25. Pureza e Impureza Rituais — 244

Princípios básicos — 244

Cinzas da novilha vermelha — 246

Estado perfeito — 248

26. Ética e Halachá — 250

O âmago da lei — 250

Responsabilidade moral — 252

Verdade e paz — 254

27. Dérech Érets (Conduta) — 256

Agir com sabedoria — 257

Respeito — 259

TERCEIRA PARTE

MÉTODO

29. Midrash Halachá (Exegese Haláchica) — 270

As regras do rabi Ismael — 271

30. O Modo Talmúdico de Pensar — 275

Modelos em vez de conceitos abstratos — 275

Busca da verdade — 277

Raciócinio dialético — 279

31. Problemas Estranhos e Bizarros — 281

Relevância — 282

Estudo em si — 284

32. Métodos de Estudo — 285

Casuística dialética — 286

Método crítico — 288

Maimônides — 289

33. O Talmud e a Halachá — 291

Regras fixas — 292

APÊNDICE

38. Ordens e tratados da

Mishná e do Talmud — 316

28. O Mundo do Misticismo — 261

Na Antiguidade — 262

O Nome de Deus — 263

Entrada no pomar — 264

Parte de um todo — 266

34. A Agadá no Talmud — 295

Seriedade — 298

Anacronismo — 300

35. O que é um Erudito? — 302

Definição de erudito — 303

Categorias — 305

Capacidade de criação — 307

36. A Importância do Talmud para o Povo — 308

Implicações sócio-históricas — 309

Coluna dorsal — 309

Dimensões alternativas — 312

37. O Talmud Nunca Foi Completado — 313

Erudição quantitativa — 314

Prefácio

Este livro singelo não é tanto um prefácio ao Talmud quanto uma visão geral dele. Durante muitos e muitos anos, o Talmud tem sido terrivelmente denegrido por gente que não o conhece. Era necessário haver algum tipo de explicação, uma introdução – a partir de diversas perspectivas – a seus parâmetros básicos.

O Talmud é um livro muito difícil de se definir. Do conteúdo ao estilo, toda definição será incompleta ou contraditória. O Talmud é, em tudo, absolutamente único – um livro que não tem paralelo em lugar algum. Usando um oxímoro e um paradoxo, pode-se dizer que o Talmud é um livro de sagrado intelectualismo.

Como não existe nada como o Talmud, será útil não o contemplar a partir de uma só perspectiva, e sim de duas ou três, de modo a se ter uma percepção dos multifacetados e frequentemente contraditórios aspectos desse livro tão complexo. Este livro tenta, assim, prover uma visão abrangente do Talmud em seus muitos aspectos, o máximo possível examinando-o de fora.

A primeira visão é mais ou menos a de um contexto histórico completo do Talmud, desde seu início até os tempos modernos, porque – como mencionado no próprio livro – a criação do Talmud começou no mesmo momento do surgimento da Lei Escrita e, na verdade, ele nunca estará terminado. Uma segunda maneira de se olhar para o Talmud é descrever o modo como é estruturado e os assuntos dos quais ele trata; isso inclui as muitas e diferentes áreas da lei judaica, assim como filosofia, biologia, psicologia, lendas, provérbios e sabedoria. A terceira é discutir a metodologia do Talmud, para descobrir qual é sua maneira de pensar.

Esta edição contém algum material novo não existente na primeira edição, que lança uma luz sobre como era a vida durante o período talmúdico e descreve o leiaute de uma página do Talmud.

Minha esperança é que este livro continue a ser usado, a fim de se compreender a significância do Talmud e como um guia para se entrar no mundo do próprio Talmud, por todo aquele que esteja interessado na busca de seu conhecimento.

Adin Even-Israel Steinsaltz
Jerusalém, Março de 2006

Apresentação

Celso Lafer



O rabino Adin Steinsaltz é um dos mais destacados e reconhecidos estudiosos contemporâneos do pensamento judaico. Uma das notas identificadoras de seu percurso é a vocação pedagógica. Em sua tarefa de educador, se fazem presentes a amplitude de seus conhecimentos e a abrangência de sua sabedoria. É o que confere à sua obra e à sua atuação um alcance que vai além daqueles que se circunscrevem à tradição judaica, pois dela se vale para pensar de maneira mais abrangente o mundo em que estamos inseridos. Pode-se dizer, nesse sentido, que ele é um 'intelectual público'.

Seu livro, *A DEAR SON TO ME* (2002), que reúne muitos artigos e conferências sobre o povo judeu, a terra de Israel, os destinos das comunidades judaicas, o indivíduo e seus desafios, é um exemplo dessa sua dimensão de 'intelectual público'. Outra obra de sua autoria, *HOMENS E MULHERES DA BÍBLIA* (que li na edição francesa de 1990), tem também uma função pedagógica. Como ele observou neste livro que tenho a satisfação de apresentar: "os sábios talmúdicos julgavam preferível, do ponto de vista educacional, emprestar às figuras históricas, dimensão de gente viva, com o que se possibilitava aos ouvintes identificarem-se com eles, entenderem seus problemas e emularem seus exemplos" (p. 300).

É vasta a obra do rabino Adin. Cobre praticamente todo o cânone da tradição judaica, inclusive a que provém do misticismo judaico, que ele considera parte de um todo (p. 266) que une razão e emoção. Sobre o misticismo judaico, *INTER ALIA*, escreveu *A ROSA DE TREZE PÉTALAS*. Lembro apenas, a título pessoal, seu livro-diálogo com o rabino Josy Eisenberg, *O ALFABETO SAGRADO*, publicado em português pela Edições Loyola, em 2014. Em parceria com meu filho, Manuel Mindlin Lafer – que é próximo do rabino Adin e muito mais observante e versado em judaísmo do que eu –, escrevemos sua apresentação, lembrando que nós dois viemos a conhecê-lo e admirá-lo graças a nosso primo Israel Klabin, seu dedicado amigo de longa data e meu irmão pela força dos afetos e das convergências.

É por todos esses motivos que tenho muita satisfação de escrever esta apresentação ao seu *TALMUD ESSENCIAL*, que ora se publica pela Editora Sêfer, sob os cuidados de Jairo Fridlin. Este revisou o livro com zelo e aprofundado conhecimento do judaísmo, inclusive em sua dimensão litúrgica, com base em sua segunda edição revista, que é de 2006. Aproveitou o texto da primeira publicação em português de 1989, da Editora Koogan, que se valeu da primeira edição do livro de 1976. Jairo adicionou intertítulos, mapas e tabelas, que contribuem para dar ao leitor melhor acesso a um texto de grande envergadura intelectual.



O rigor acadêmico impõe-me o dever de ressaltar desde o início desta apresentação que meus conhecimentos talmúdicos são modestíssimos. É o que circunscreve o teor e o escopo de sua substância. Com efeito, não segui a linha de estudos de meus antepassados, que vieram da Lituânia para o Brasil na última década do século XIX e eram próximos das lições do Gaon de Vilna. Por isso, aliás, apreciei a leitura que o rabino Adin faz de seu método crítico e das conexões de proximidade intelectual dos rabinos lituanos com o movimento do Iluminismo.

Observo, em todo caso, que, atento aos interesses e conhecimentos de meus antepassados, que não conheci, mas de que me inteirei pelo léxico familiar, li com cuidado o reputado *EVERYMAN'S TALMUD*, de A. Cohen, numa reedição de 1948 de sua obra. A leitura foi-me útil no preparo de meu livro de 1963, *O JUDEU EM GIL VICENTE*. Com efeito, o criador inaugural do teatro português elaborou, no século XVI, um teatro de tipos. Entre eles, o judeu como personagem de muitas de suas peças. Na construção do tipo, dada a presença judaica em Portugal, há referências ao Talmud.

O único tratado talmúdico que li, em português e em inglês, com atenção foi o *Avót*, que citei em mais de uma oportunidade, ressaltando seus ensinamentos e seus princípios. Como observa o rabino Adin, o *Avót* adquiriu um elevado grau de consenso entre os estudiosos do Talmud como guia em matéria de conduta e comportamento (p. 301).

Naturalmente, como professor universitário de Teoria Geral do Direito, interessei-me pelo Direito Talmúdico. Foi por conta desse interesse que organizei, na Faculdade de Direito da USP, em 1984, com o apoio da Associação Universitária de Cultura Judaica, liderada por Leon Feffer, um curso de extensão universitária sobre

Direito Talmúdico. O curso foi ministrado em inglês pelo professor Ze'ev Falk, da Faculdade de Direito da Universidade Hebraica de Jerusalém. Traduzido para o português, foi publicado em 1988 e escrevi a apresentação do livro.

Nessa apresentação, destaquei como o professor Falk – que também era um estudioso de História e Filosofia do Direito e escreveu sobre lei e religião – foi capaz de inserir o Direito Talmúdico no amplo contexto do universo jurídico, alcançando assim os alunos de uma Faculdade de Direito. Também apontei, nesse contexto, questões relevantes que o Direito Talmúdico suscita para as indagações de um jurista, entre elas: os critérios de que se vale a razão humana na interpretação jurídica de uma 'lei revelada'; a análise da validade e da eficácia de um direito que se manteve vivo e perdurou multissecularmente no tempo sem o respaldo de um poder político organizado; o estudo da interpenetração entre distintos ordenamentos jurídicos e a questão da lei aplicável; a relevância das matrizes judaicas que influenciaram Grocio e Selden, fundadores do Direito das Gentes moderno.

Cabe lembrar que o Direito Talmúdico, pela metodologia do Direito Comparado e da História do Direito, sempre oferece subsídios para o entendimento do 'Direito e da vida dos Direitos', como ensinava o professor Vicente Ráo, de quem fui aluno no Largo de São Francisco. Esta é, aliás, uma matéria para a qual este livro do rabino Adin oferece muitos elementos na discussão de temas jurídicos *STRICTO SENSU* que examina. Entre eles, casamento e divórcio, dano, responsabilidade, fiel depositário, contratos, propriedade, legislação trabalhista, herança, prova, dolo, processo, *STATUS* da mulher.

Evidentemente, uma perspectiva de Direito Comparado ou de História do Direito, como estou apontando e com a qual estou familiarizado, não é uma perspectiva de 'dentro' do mundo talmúdico. Esta, no entanto, é a que inspira o rabino Adin. Por isso, sua abordagem não guarda semelhança, por exemplo, com a maneira como um romanista estuda o *DIGESTO*, o que aliás se justifica plenamente *RATIONE MATERIAE*. Com efeito, se o Talmud trata da lei – a *HALACHÁ* –, contém igualmente a *AGADÁ* – que diz respeito a discussões abrangentes, *INTER ALIA*, de ensinamentos éticos, lendas populares, provérbios, conselhos comerciais, indicações médicas, história (cf. cap. 34), num todo que se inter-relaciona.

A perspectiva de 'dentro' do grande mar do mundo talmúdico é a que norteia e conduz a pesquisa e a reflexão do rabino Adin. Foi sua devoção ao mundo talmúdico que o levou à ciclópica tarefa de promover, no correr das décadas, uma nova e completa edição do Talmud da Babilônia, dando conta de seus dois componentes, a Mishná, a *HALACHÁ*, a lei, escrita em hebraico, e a *GUEMARÁ*, o comentário sobre a Mishná, escrito em aramaico, que ele traduziu para o hebraico, tendo elaborado abrangentes

comentários a todos os seus inúmeros tratados. Praticamente todos os volumes da completa edição Steinsaltz do Talmud em hebraico já foram traduzidos para o inglês, e muitos volumes o foram para o francês e o espanhol. O *TALMUD ESSENCIAL* é uma decantação reflexiva deste seu grande e pertinaz empenho de vida.

Faço apenas uma observação útil para os menos familiarizados com o mundo judaico. O Talmud a que se dedicou a ciclópica tarefa de edição do rabino Adin é o Talmud da Babilônia, assim denominado pois sua elaboração se deu nas academias judaicas daquela área geográfica. É pacificamente considerado o texto mais autorizado do Talmud. Existe, porém, o Talmud de Jerusalém, elaborado nas terras de Israel. Embora a fonte básica dos dois seja a mesma – a Mishná –, diferem em diversos temas e o de Jerusalém nunca foi adequadamente editorado, nem tem sido objeto de estudos aprofundados no correr dos séculos, como ocorre com o da Babilônia. Tradicionalmente, o Talmud de Jerusalém tem sido apreciado como um meio-irmão do da Babilônia. Funciona como uma espécie de apêndice (p. 97) e ainda está a merecer estudos mais apropriados. Da interpenetração exegética entre os dois, por parte dos estudiosos, também faz menção o rabino Adin (p. 294).



A Bíblia integra o cânone cultural e religioso do Ocidente. Daí a abrangência de sua recepção e a ampla difusão de seu teor literário e de sua mensagem religiosa. O Talmud, em contraste, é uma obra cuja difusão fora dos meios judaicos foi circunscrita, inclusive porque foi considerada, na Idade Média, pela Igreja, como uma *LIBER DAMNABILIS* que deveria alimentar os 'quemadores'. É o que aponta o rabino Adin. É o que destaca José Pérez na introdução à primeira edição brasileira de um florilégio talmúdico que data de 1942 e integra o "livro judaico por excelência" na série *MESTRES DO PENSAMENTO*, de sua meritória Edições Cultura.

Esclarece o rabino Adin, logo no início de seu livro, que, se a Bíblia é para o judaísmo sua pedra angular, o Talmud é seu pilar central, que se alça de seus alicerces e constitui a expressão mais importante da cultura judaica. A continuidade no tempo de seu estudo, afirma o rabino Adin, tem sido a base espiritual e a guia de conduta na qual se lastreia a permanência do judaísmo. Foi o que decorreu da queda do Segundo Templo no ano 70, que assinalou o término da centralidade religiosa do Templo e é um marco da dispersão judaica no mundo.

Por isso, como diz o *Avót* logo no início de seu capítulo I, tratando da transmissão da Torá e recordando os ensinamentos da Grande Assembleia: “sede ponderados no julgamento, formai muitos discípulos e montai uma cerca em torno da Torá”, como enuncia em português a tradução do *PIRKÊ Avót*, que se deve a Eliezer Levin, publicada em 1976, pela Editora B’nai Brith. A ideia da cerca é a de resguardar a milenar leitura judaica da Torá; é a de ser um *HEDGE* espiritual da preservação do judaísmo.

O rabino Adin esclarece a importância desse *HEDGE*, na perspectiva organizadora de seu livro e de sua dedicação ao Talmud. Aponta, no capítulo 36, que não existe a possibilidade real de se estudar o Talmud de forma exteriorizada. Todo o seu estudioso sincero se torna parte da essência do Talmud e, dessa maneira, um participante da vida criativa judaica. Como se pode explicar o que é uma forma interiorizada distinta de uma forma exteriorizada de estudar o Talmud?

Ortega y Gasset observou: “Las ideas se tienen; en las creencias se está.” Na análise da diferença entre crenças e ideias, Ortega esclarece que se está nas crenças. Nelas nos sustentamos. Elas são o pano de fundo e o substrato quando nos pomos intelectualmente a pensar sobre algo. Desse pensar provêm as ideias, que necessitam da crítica, como o pulmão do oxigênio, e se alimentam apoiando-se em outras ideias que acabam formando um todo (cf. Ortega y Gasset, *IDEAS Y CREENCIAS*).

Recorro a Ortega pois sua formulação me ajuda a entender a forma interiorizada do estudo do Talmud preconizado pelo rabino Adin e seus desdobramentos. O Talmud, afirma ele, é uma obra coletiva, que, na interação do questionar e reexaminar de seus sábios, impõe uma ênfase sem paralelo sobre aspectos técnicos, analíticos e críticos do pensamento humano. Por isso, é a paradoxal expressão de um “intelectualismo sagrado” (p. 310).

O sagrado desse intelectualismo provém de uma crença que o permeia, da correlação entre o mundo e a revelação da Torá (p. 26). Por isso, o estudo da Torá que o Talmud empreende é o estudo do mundo que nela se contém em sua inteireza. Daí brotam suas ideias, que são a expressão de seu intelectualismo.

O intelectualismo abre espaço para a analogia que transforma o universo numa malha de relações e equivalências, que ajusta ideias diversas na livre associação do fluxo da consciência judaica que o Talmud incorporou em seus tratados pelo estudo da Torá.

Em contraste com a Bíblia judaica – o *TANACH* –, da qual provêm as traduções para o grego e o latim do Velho Testamento, o Talmud, diz o rabino Adin, nunca foi oficialmente completado (p. 313). Diferencia-se, nesse sentido, da Bíblia, não obstante

as edições que foram fixando os textos talmúdicos, como relata o livro, destacando o papel da invenção da imprensa, que ensejou sua impressão.

A primeira edição impressa completa do Talmud da Babilônia é de 1520. Foi feita em Veneza pelo impressor cristão Daniel Bamberger e passou a ser considerada a edição definitiva. Dela provieram edições subsequentes, entre as quais o rabino Adin destaca a de Slavuta e a de Vilna (p. 117-119), apontando que a de Vilna (impressa entre 1880 e 1886) é a mais respeitada e tem sido a base das edições atuais (p. 132). O capítulo 14 esclarece, para o leitor menos familiarizado, as características visuais das páginas impressas do Talmud.

O rabino Adin aponta que “O princípio de que o Talmud é inacabado impõe um constante desafio a que se continue o trabalho da criação. Cabe a todo erudito acrescentar ao Talmud e contribuir para a obra, ainda que ele jamais possa ser finalmente completado” (p. 313). É notável o trabalho de criação empreendido pelo rabino Adin em relação ao Talmud, o que singulariza seu percurso, dado que cabe com justiça destacar nesta apresentação.

T

Para concluir, faço apenas uma menção à perspectiva organizadora que caracterizou a maneira pela qual o rabino Adin, como um grande erudito, estruturou seu *TALMUD ESSENCIAL*. Como ele explica no prefácio, oferece, na primeira parte do livro, uma visão do contexto histórico que levou à elaboração do Talmud; na segunda, apresenta o modo como são organizados os assuntos de que trata, o que inclui as muitas áreas da lei judaica, assim como o contexto das lendas, provérbios e sabedoria no qual se insere; na terceira, aborda sua metodologia, com o objetivo de desvendar a maneira de pensar talmúdica.

Acho interessante – com a percepção de quem não vive mergulhado no mundo talmúdico – registrar que, na primeira parte, o rabino Adin se dedica a estudar os sábios e os exegetas que se consagram a elaborar o Talmud e a interpretá-lo. São personalidades que não possuem as características de figuras bíblicas que examinou em seu já mencionado livro *HOMENS E MULHERES DA BÍBLIA*. São, como diz em seu *TALMUDIC IMAGES* (1997), heróis de um tipo especial, cujos atos merecem reconhecimento por seus pensamentos e palavras, cujo foco foram as discussões e os diálogos relacionados às preocupações e temas dos Sábios de Israel. Não estão imersos na História, mas no ‘eterno presente’ dos estudiosos do Talmud.

O rabino Adin aponta o significado de Hilel e Shamaí, responsáveis pela evolução de duas escolas que levaram seus nomes. Hilel destacou-se por uma interpretação mais flexível da lei. Shamaí, por uma interpretação mais rígida e severa. A linha de Hilel acabou sendo a de maior prevalência, mas o Talmud registra as interpretações de Shamaí. A concomitância do registro das diferenças entre ambos indica o pluralismo das opiniões – que permeia o Talmud. Na perspectiva de um professor de Direito, o registro da diferença indica o válido papel da opinião dissidente na interpretação da lei na vida do Direito.

Também na perspectiva de um professor de Direito, lembro que é de Hilel a máxima “Não faças a outrem o que não queres que te façam. Esta é toda a Torá, o resto é comentário”, que formulou quando instado a definir sinteticamente a lei judaica (p. 69). Cabe mencionar que esta ‘regra de ouro’ foi retomada de forma positiva nos Evangelhos (Mateus 7,12; Lucas 6,30) e se tornou um dos consagrados princípios de justiça, como explicitou Kelsen – o grande jurista do século XX – ao tratar dos desafios inerentes à compreensão do justo.

A segunda parte do livro esclarece os temas versados pelo Talmud. Além dos múltiplos aspectos jurídicos que já mencionei, o Talmud trata minuciosamente, como examina o rabino Adin, de Preces e Bênçãos, do *SHABAT*, de Festas e Dias Santificados (*ROSH HASHANÁ, IOM KIPÚR, PÊSSACH, PURIM, CHANUCÁ*), dos Sacrifícios, das Leis Dietéticas (*CASHRUT*). É o que confere ao Talmud sua dimensão religiosa e de guia de conduta de observância do judaísmo.

Finalmente, a terceira parte esclarece o modo talmúdico de pensar. Sua propensão aos modelos, em vez de conceitos abstratos; seus métodos de demonstração; seu raciocínio dialético (o *PILPUL*); a multiplicidade de seus métodos de estudo; sua casuística.

Os eruditos talmúdicos amplamente citados no livro são os discípulos dos sábios. São requisitos para ser um erudito talmúdico e um discípulo dos sábios não só uma grande capacidade intelectual, mas o feitio de um ser humano nobre, dotado de qualidades espirituais e humanitárias (p. 303).

São características do perfil do rabino Adin. Por isso, é indiscutivelmente um douto talmúdico, empenhado em descobrir, desenvolver e ressaltar aspectos já presentes no Talmud (p. 307). É o que se pode afirmar da qualidade da dedicação do rabino Adin ao Talmud que se expressa neste livro – uma decantação pedagógico-reflexiva do ‘intelectualismo sagrado’ de sua devoção.

São Paulo, outubro de 2019.

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA

1

O que é o Talmud?

Se a Bíblia é a pedra angular do judaísmo, o Talmud é o pilar central que se alça dos alicerces e sustenta todo o edifício espiritual e intelectual. Sob muitos aspectos, o Talmud é o mais importante livro da cultura judaica, o principal suporte de criatividade e vida nacional. Nenhuma outra obra expressa os vários e diferentes aspectos da essência do povo judeu e de seu caminho espiritual, e nenhuma outra obra teve influência comparável sobre a teoria e prática da vida judaica, dando forma a seu conteúdo espiritual e servindo de guia de conduta. O povo judeu sempre soube que sua contínua sobrevivência e desenvolvimento dependiam do estudo do Talmud, e os que são hostis ao judaísmo também tiveram conhecimento desse fato. O livro foi ultrajado, difamado e lançado às chamas inúmeras vezes da Idade Média e igualmente submetido a indignidades similares no passado recente. Em certas ocasiões, o estudo talmúdico foi proibido por ser mais do que claro que uma sociedade judaica que abandonasse esse estudo não tinha real possibilidade de sobreviver.

A definição formal do Talmud não impressiona muito: é o sumário da Lei Oral que evoluiu séculos de esforço erudito de sábios que viveram na Terra de Israel e na Babilônia até o início da Idade Média. Tem dois componentes principais: a *Mishná*, um livro de *halachá* (lei) escrito em hebraico, e o comentário sobre a *Mishná*, conhecido como o Talmud (ou *guemará*), no sentido limitado da palavra, um sumário de discussão e elucidações da *Mishná* escrito em jargão aramaico-hebraico.

Essa explanação, entretanto, embora formalmente correta, é ilusória e imprecisa. O Talmud é o repositório de milhares de anos de sabedoria judaica, e a Lei Oral, que é tão antiga e significativa como a Lei Escrita (a Torá), nele encontra expressão. É um conglomerado de lei, lenda e filosofia, um misto de lógica singular e penetrante pragmatismo, de história e ciência, anedotas e humor. É

um feixe de paradoxos: sua estrutura é ordenada e lógica, cada palavra e termo sujeito a meticulosa editoração, completada séculos após ter-se completado a escrita da obra; contudo, ainda se baseia na livre associação, num ajustamento de ideias diversas que só tem paralelo no moderno romance de fluxo de consciência. Embora seu principal objetivo seja interpretar e comentar um livro de lei, é, ao mesmo tempo, uma obra de arte que vai além da legislação e sua aplicação prática. E se bem que o Talmud sela, até o presente, a fonte primária da lei judaica, é considerado uma obra que não se detém em estabelecer a lei, e não deve ser citado como autoridade para fins de prolatar uma sentença.

O Talmud trata de problemas hipotéticos e totalmente não realistas da mesma forma com que se refere aos fatos mais prosaicos da vida cotidiana, mas consegue evitar terminologia abstrata.

Questionar e reexaminar

Embora baseado nos princípios de tradição e na transmissão de autoridade de geração a geração, não há o que se lhe compare no anseio de questionar e reexaminar convenções e pontos de vista aceitos e buscar suas causas subjacentes. O método talmúdico de discussão e demonstração tenta aproximar-se da precisão matemática, mas sem recorrer a símbolos matemáticos ou lógicos.

O Talmud é melhor entendido através da análise dos objetivos básicos de seus autores e compiladores. Que visavam eles, esses milhares de sábios que gastaram suas vidas no debate e discussão em centenas de grandes e pequenos centros de estudo? A chave encontra-se no nome da obra: Talmud (isto é, estudo, aprendizado). O Talmud é a concretização do grande conceito de *mitsvat talmud Torá* – o dever religioso positivo de estudar a Torá, de adquirir conhecimento e sabedoria, estudo que é seu próprio fim e recompensa. Certo sábio talmúdico, que nada nos deixou a não ser seu nome e essa máxima, tinha isto a dizer sobre o tema, no final do capítulo 5 do Tratado Avót: “Vira-a e revira-a, pois tudo está contido na Torá. Olha-a com firmeza e envelhece nela, e nunca a abandones, porque não existe maior virtude.”

2

A vida no período talmúdico

A maioria das questões de que trata o Talmud são abstratas, e sua significância e sua preocupação não se restringem a um determinado período ou a uma determinada forma de vida. Não obstante, o Talmud está estreitamente conectado com a vida real, uma vez que os assuntos e as questões levantados na discussão talmúdica e no debate haláchico derivam frequentemente de problemas específicos da vida cotidiana. Num nível mais genérico, eventos e desenvolvimentos históricos são reportados no Talmud e provêm um contexto às discussões talmúdicas, às relações entre as várias personalidades, e até mesmo ao debate haláchico. A seções que se seguem esclarecem certos aspectos do contexto no qual o Talmud foi criado – aspectos que têm uma conexão direta com o próprio Talmud.

O contexto político

Terra de Israel

Durante todo o período mishnaico e talmúdico (aproximadamente de 30 a.e.c. a 500 e.c.), a Terra de Israel (*Érets Israel*) foi governada de fato – se bem que nem sempre nominalmente – pelos romanos. O regime romano em geral, e os problemas que o governo romano e seus representantes representavam para a comunidade judaica em particular, constituem o contexto político do período. De um ponto de vista político-histórico, o período mishnaico (c. 30 e.c. a 200 e.c.) coincide com duas eras distintas do governo romano, e pode, portanto, ser considerado como dois períodos distintos.

Durante o período mishnaico, o poder imperial romano esteve em seu auge. Como regra, os imperadores romanos exerciam seu poder com vigor e

eficácia, e sua autoridade era sentida em todo o Império. A ordem pública interna era rigorosamente mantida, e os romanos impunham também a ordem internacional – a Pax Romana. Durante a maior parte do período, as relações entre a comunidade judaica na Terra de Israel e os romanos foram ruins. Entretanto, intervalos curtos de tranquilidade deram oportunidade a eventos tão importantes como a construção de um magnífico templo por Herodes, para a participação do neto de Herodes, Agripa, na vida do povo, e para a edição da *mishná* na época do rabi Judá (Iehudá) *Hanassi*. No entanto, na maior parte do tempo, a comunidade judaica esteve em conflito com o governo romano e seus representantes locais. O tenso relacionamento com a Casa de Herodes e os governadores romanos da Judeia levaram a uma grande rebelião judaica, que os romanos esmagaram, destruindo o Segundo Templo (70 e.c.). Após a destruição, vários outros levantes ocorreram (as “guerras” de Quieto e de Trajano), culminando na revolta de Bar Cochba, cuja derrota trouxe a ruína à Judeia. Os centros da vida e da cultura judaicas foram transferidos para a Galileia, no Norte.

Durante o período talmúdico (aproximadamente 200 e.c. a 500 e.c.) a autoridade romana foi abalada. O governo central do império se desintegrou, levando ao surgimento de períodos de anarquia e de guerras entre rivais que reivindicavam o trono imperial, e causando um colapso econômico. Simultaneamente, o poder do cristianismo aumentou, e ao final do século 4 ele se tinha tornado a religião oficial do império. Devido a desenvolvimentos internacionais, a pressão das autoridades sobre a comunidade judaica na Terra de Israel aumentava constantemente. Para se manter, o governo cobrava impostos escorchantes da população, o que solapou a economia (houve instâncias nas quais os sábios permitiram que se trabalhasse a terra no Ano Sabático – *shemitá* – para aliviar a carga dos impostos). A segurança local foi adversamente afetada, e na fase final do período, a minoria cristã também exerceu pressão, que foi além do nível de maledicências e pequenas perseguições, chegando ao de uma supressão sistemática da vida judaica. O âmbito do autogoverno interno judaico foi gradualmente reduzido, e a comunidade judaica diminuiu numericamente devido à emigração para outros países, ou para o centro do Império Romano ou para o Império Persa. Esses processos levaram a um declínio no estudo da Torá na Terra de Israel, obrigando os eruditos a

Babilônia no período da Mishná e do Talmud



adotar um resumo apressado e uma edição incompleta do Talmud de Jerusalém, por não terem possibilidade de completá-lo. Pressões políticas e perseguições enfraqueceram severamente o restante da comunidade judaica. Carentes de uma liderança e de uma direção central, os judeus dedicaram seus esforços criativos à área da *agadá* e dos *piutim* (poesia litúrgica).

Babilônia

O início do período amoraíta na Babilônia coincide também com a divisão entre dois períodos na história política da Babilônia. Até esse período, a Pérsia fora governada pelos partas, um povo iraniano que estabeleceu um regime quase feudal, deixando poderes muitos amplos nas mãos de governantes locais.

O governo central raramente intervinha na vida dos vários povos que viviam no país. Culturalmente, o país experimentou considerável influência helenista (*ievani*, "grego", é a expressão usada pelo amoraíta Rav). Em 226 e.c., no entanto, o Reino Parta foi conquistado pelos sassânidas. Diferentemente dos partas, os sassânidas fortaleceram e promoveram a religião zoroastriana e seus sacerdotes (*megoshim* ou *amgushim*) e consolidaram o poder do governo central do país. As guerras contra o Império Romano, as quais haviam diminuído no final do período parta, agora se inflamavam novamente, afetando as regiões fronteiriças. Os centros populacionais moveram-se para o Leste. No início, os sassânidas foram bem hostis em relação aos judeus, mas com o tempo desenvolveram-se relações boas e até mesmo cordiais entre os líderes da comunidade judaica e o governo persa. Como resultado do aumento da centralização do poder do governo, o poder do exilarca judeu (o *resh galuta*, chefe da comunidade judaica) aumentou da mesma forma.

A relativa calma dentro do reino e sua situação econômica estável possibilitaram que a comunidade judaica crescesse, e estimularam a imigração de judeus de outros países, principalmente da Terra de Israel. Apesar do atrito com os sacerdotes persas (os *habarim*), a comunidade judaica desenvolveu-se quase sem ser perturbada.